

TESS WAKEFIELD



NETFLIX

UM FILME
NETFLIX

Continência
ao Amor



TESS WAKEFIELD

Continência ao Amor

BASEADO EM UMA HISTÓRIA
DE KYLE JARROW

Tradução de Gabriela Araújo,
Isadora Prospero, Laura Pohl e Sofia Soter



Copyright © 2017 by Alloy Entertainment, LLC
Copyright da tradução © 2022 by Editora Intrínseca Ltda
Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a editora original, Emily
Bestler Books/Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Purple Hearts

COPIDESQUE

Julia Marinho

Stéphanie Roque

REVISÃO

Júlia Ribeiro

Thais Entriel

Iuri Pavan

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W162c

Wakefield, Tess

Continência ao amor / Tess Wakefield ; tradução Gabriela Araújo ... [et al.]. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

Tradução de: Purple hearts

ISBN 978-65-5560-460-3

I. Romance americano. I. Araújo, Gabriela. II. Título.

22-79956

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/643



[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Kim, no CC Club

Cassie

Hoje, dia dois de agosto, às 17h34, na ponte South Congress, fiz o verdadeiro eu. As janelas do Subaru estavam abertas, o *Greatest Hits* do Queen tocando no volume máximo, e era isso: eu não era mais uma mulher acorrentada a um cubículo, e sim uma cantora famosa, fazendo um dueto com Freddie Mercury. Os carros à frente do meu começaram a frear. Fiz o mesmo, esticando a mão para impedir a caixa de cair do banco do carona. Dentro dela havia uma foto minha com minha mãe na Disney, tirada quando eu tinha cinco anos, uma caneca de café com um desenho do rosto de David Bowie e três barrinhas de cereal vencidas que encontrei debaixo de uns depósitos velhos. Meus objetos pessoais.

Meia hora antes, minha chefe, Beth, tinha me chamado na sala dela. Ela esticou o braço por cima da mesa para segurar minha mão — o hidratante gosmento com cheiro de limão melando minha pele — e me demitiu. Fiquei olhando para baixo, para minha meia-calça sob o vestido azul-marinho reto, para as sapatilhas baratas, sentindo uma estranha leveza. Era a mesma sensação que me invadia todo dia às cinco da tarde, quando eu ia para o estacionamento, mas multiplicada por dez. Parecia que, em algum momento, eu ouviria a claquete do diretor, tudo na sala de Beth ficaria mais iluminado pelos holofotes e alguém gritaria: “Legal, encerramos as filmagens de *Auxiliar jurídica!* Bom trabalho, Cassie.”

E foi assim que aconteceu. Saí do set pronta para começar minha vida de verdade, uma vida que, eu esperava, não incluía cantar apenas no carro. Apesar do discurso falso de “Eu

não queria fazer isso...” de Beth ter me atrasado para o meu segundo — e, dali em diante, único — emprego, eu já tinha notado que ser demitida do escritório de advocacia Jimenez, Gustafson e Moriarty era, na verdade, uma bênção. Há males que vêm para o bem, então aquela notícia não era nada chocante; era uma coisa boa, boa de verdade. Finalmente aconteceu algo que eu queria e ansiava: me ver livre das horas incessantes lambendo selos, caçando erros de digitação, e, com muita frequência, fechando às pressas as janelas do YouTube com vídeos de Hiatus Kaiyote quando pressentia que Beth estava atrás de mim.

Mudei de pista para ultrapassar o carro à minha frente. Era isso. Hora de contar. Diminuí o volume do som, coloquei o celular no viva-voz, encaixei o aparelho no porta-copos e liguei.

— Alô.

Dava para ouvir o barulho do trânsito no fundo. Minha mãe devia estar voltando da casa dos Florian, onde fazia faxina às sextas-feiras.

— Oi — falei. — Fui demitida.

Silêncio. O trânsito avançou devagar.

— Você foi demitida?

Suspirei e sorri.

— Fui.

— Foi demitida? — repetiu ela.

— Fui, mãe — confirmei.

— Por quê?

— Disseram que os negócios andavam mal e que iam juntar meu cargo com o da Stephanie, e como ela está lá há mais tempo, *tchau, tchau*. Adeus, Cassie.

— Que pena, *mi hija* — disse ela, e eu imaginei seu rosto, a boca contraída, as sobrancelhas franzidas. — Que triste que isso aconteceu. O que você vai fazer?

Pensei no porão fumacento de Nora, em Toby girando no banquinho atrás da bateria, em encostar a orelha contra a madeira do piano velho que eu tinha comprado pela internet, em nunca mais ter que acabar o ensaio às 22h para conseguir acordar

cedo no dia seguinte e enfrentar meu purgatório diário de planilhas do Excel. Eu poderia descobrir como é ser musicista de verdade. Poderia acordar no dia seguinte, e no próximo, e no outro, e saber que meu dia seria todo dedicado à The Loyal.

— Estou a caminho do Handle — respondi, a voz leve —, então acho que vou pegar no batente.

— Você está tão tranquila.

— É — falei, atenuando a voz para soar mais triste, já que era o que ela esperava. — Estou tentando.

— E o seu plano de saúde?

Uma caminhonete buzinou ali por perto.

— Tem a assistência do governo — gritei em meio ao barulho.

— E o aluguel? — interrompeu minha mãe. — Fico preocupada.

Como se a palavra “preocupada” fosse um tipo de gatilho, ela começou o falatório. Comentou sobre o fundo de garantia. Avisou que o prazo para pedir o auxílio público à saúde já tinha passado, mas que talvez abrissem uma exceção. Torci para que minha mãe estivesse dirigindo devagar, porque ela gesticula muito enquanto fala.

Esperei ela terminar para contar sobre minha grande transformação, respirando fundo para tentar desfazer o nó de preocupação no meu estômago.

Eu aprendi a prestar muita atenção nas reações do meu estômago, mais do que a maioria das pessoas, com certeza. Nós duas, eu e minha barriga, precisávamos estar no mesmo time, porque nos últimos meses ela andava esquisita, rabugenta. Eu a imaginava como um objeto falante e antropomórfico bem sábio e antigo, tipo a personagem de um desenho animado. Normalmente, nossa comunicação se limitava a *Não gostei desse sabor de Cheetos, muito picante*, ou *Caprichou na sopa de feijão, hein? Vou ficar um tempo aqui processando*.

No momento, ela parecia dizer o mesmo que minha mãe, mas de um jeito mais agradável e menos histérico. *Cassie*, roncava, emanando ondas de náusea. *Você não está encarando a realidade*. Minha mãe continuava.

— Chega de pânico! — interrompi, tão alto que a mulher no Volkswagen ao lado me olhou. — É uma ótima oportunidade.

— É verdade, Cass.

Por um momento maravilhoso, estávamos todas juntas, nós três: eu, minha mãe e minha barriga. O trânsito avançou uns bons trinta centímetros, e a brisa entrou pela janela aberta.

Até que ela disse:

— Você pode usar o tempo livre para estudar para entrar na pós.

Minha barriga se manifestou de novo, e por pouco não bati no para-choque do Honda da frente. Senti vontade de dar uma cabeçada no volante.

Não é como se minha mãe fosse estraçalhar meu teclado, apontar uma arma para a minha cabeça e me forçar a entrar na Universidade do Texas, mas, desde que eu me formei na faculdade de direito, quatro anos antes, a sementinha da possibilidade de uma pós-graduação tinha criado raízes. E agora ela finalmente podia trazê-la ao sol, regá-la e fazê-la crescer até me esganar. Eu queria fazer música. Não qualquer música, mas música com o pessoal da minha banda, Nora e Toby, algo entre Elton John, Nina Simone e James Blake. Era a única coisa que me fazia feliz. *Mas felicidade não enche barriga.*

Ela me lembrava disso sempre que podia, e, sem o emprego de auxiliar jurídica, eu não tinha mais nada que pudesse usar de distração.

— Estudar, pois é — falei.

Respirei fundo.

— E já que o dinheiro vai estar curto, eu pago o cursinho.

O nó no meu estômago foi até as costas.

— Preciso desligar — anunciei.

— Tá, vou começar a pesquisar cursinhos aqui perto.

Engoli em seco.

— Não precisa.

— Por que não?

— Tá bom, mãe, te amo! Tchau!

O nó se espalhou pelo meu corpo todo, latejando, me deixando tonta. Acontecia muito. Tipo, umas duas vezes por dia. Por

isso a intimidade digestiva. Em geral, eu relacionava isso à ansiedade de ter que pagar a dívida do financiamento estudantil e tentava enfrentar a fonte daquela crise específica: Fome? Tinha comido demais? Precisava fazer xixi? Hoje achei que fosse a primeira opção. Peguei uma barrinha de cereal e mordi a aveia vencida, tentando segurar a tontura.

O celular vibrou. Esperava que fosse uma mensagem preocupada da minha mãe, mas era Toby.

Planos pra hoje?

Sorri. Mensagem em um dia que não tinha ensaio? E antes da meia-noite? Era novidade. Quando o trânsito parou, comecei a responder — *Talvez eu dê um pulo aí depois do trabalho* —, mas parei. Ele podia esperar. Toby era alto, tinha o cabelo comprido, estilo Cat Stevens, e tocava bateria. Em Austin. Ele vai ficar bem. Eu provavelmente era uma das três mulheres que tinham recebido aquela mesma mensagem.

O celular vibrou de novo. Era Nora, do bar. *Cadê você?*

Trânsito, respondi. *Já chego*. Quem ela queria enganar?

Eu que arranjei esse emprego para Nora, então nem adianta ela querer bancar a responsável a essa altura do campeonato. Se não fosse por mim, ela estaria largada no sofá, fumando bong e tentando tirar de ouvido o baixo de “Psycho Killer”.

Eu precisava mostrar para minha mãe que estava levando aquilo a sério. Quem sabe com um álbum da The Loyal. Que ainda não tem nome. Talvez uma cor. Toby tinha sugerido chamar de *Lorraine*, em homenagem à gata dele. Mas precisamos gravar primeiro. O resto — o plano de saúde, o dinheiro — se ajustaria depois. Minha barriga roncou de novo, discordando.

— E quem é você pra falar alguma coisa? — perguntei em voz alta, aumentando a música com tudo. — Come essa barrinha e fica feliz.

Luke

Fort Hood era uma cidadezinha funcional. Ruas planejadas levavam a gramados ressecados, a estandes de tiro, a alojamentos dos anos 1970, a portões vermelhos enormes por onde veículos de tamanho e letalidade variados iam e vinham. Era possível ouvir o estrondo das armas pela cidade toda. Percebi que regaram a grama. Atrás da nossa fila, parentes e amigos estavam sentados em cadeiras dobráveis, se abanando com panfletos de alistamento militar.

Mais cedo, quando arrumamos as malas, as beliches vazias me deixaram abalado. Todos os nossos rastros se foram. Estava tudo limpo para o próximo grupo de recrutas. Não tinha muita coisa para guardar, de qualquer forma — a toalha amarela do Exército jogada na cadeira, a foto de Elena, a namorada de Frankie, em cima da mesa dele, o bloquinho em que eu registrava o tempo que levo durante minhas corridas. Mas ali não era um acampamento. Ali não era nem a nossa base. Era só um lugar para a prática de infantaria. O objetivo de estar em Fort Hood era ir embora de Fort Hood. E lá íamos nós.

— Então relaxem e aproveitem esse tempo — concluiu a capitã Grayson. — Usem com sabedoria. Lembrem-se de que representam o Sexto Batalhão, a 34ª Divisão de Infantaria Cavalo Vermelho, e o Exército dos Estados Unidos. Quando voltarem à ativa, irão à zona de combate.

— Quem diria — murmurou Frankie ao meu lado.

Em catorze dias, todos nós iremos para uma base desconhecida no sudoeste do Afeganistão. Uma unidade antiterrorismo. Mínimo de oito meses, máximo indefinido, provavelmente um

ano. Nossa ida era o principal motivo de toda aquela cerimônia de “parabéns e tchau”. Batemos palmas.

Do outro lado do gramado, pessoas felizes se reencontravam. Vi Clark pegar a filha no colo e girá-la como em um comercial de seguros, antes de colocá-la no chão e segurar o rosto da esposa para beijá-la. Gomez pulou no marido, enroscando as pernas na cintura dele. Frankie tinha desaparecido.

Davies surgiu ao meu lado, segurando o quepe. Armando também. Os órfãos se encontrando.

— Vocês têm família? — perguntou Davies.

Ele era um garoto cheio de espinhas, recém-saído da escola, um dos mais jovens ali, e burro que nem uma porta. Mal identificava as letras no exame de vista. Mas tinha um bom coração.

— Tenho minha namorada. E minha irmã. Elas não conseguiram folga do trabalho — disse Armando, cruzando os braços na frente do peito largo.

— Eu não tenho ninguém — comentou Davies. — Odeio essa parte.

Olhando por cima do ombro deles, encontrei Frankie, que abraçava uma mulher curvilínea usando um vestidinho amarelo. Elena. Ela tinha levado flores. *Mandou bem, Frankie*. Os pais dele os olhavam, abraçados também.

Armando passou a mão pelo cabelo preto à escovinha, pingando de suor.

— Queria só uma cervejinha gelada, mano.

Lambi meus lábios ressecados, vendo Gomez e o marido riem, as testas encostadas.

— Eu também, cara.

— Vai pegar o ônibus, Morrow? — perguntou Armando.

— Acho que vou — respondi.

Davies passou os braços magrelos pelos nossos ombros.

— O que vocês vão fazer hoje? Querem tomar um porre?

— Com certeza — respondeu Armando. — Agora me larga, Davies, tá muito calor.

Davies acenou para mim com a cabeça.

— Vamos lá, Morrow. O que mais você tem pra fazer?

Olhei o celular. Pelo menos Johnno ainda não tinha me ligado.

— Não sei.

Armando sacudiu a cabeça, me olhando.

— Você é do tipo esquisito e caladão, né?

— Não — respondi, provando o argumento deles.

Talvez eu fosse esquisito mesmo. E daí? Eu não estava ali, apanhando de propósito, me preparando para vagar pelo Oriente Médio com um pedaço de metal quente e perigoso nas mãos só porque tinha ficado entediado com as apostas no futebol.

— Cucciolo! — chamou Davies.

Frankie e Elena se aproximaram, acompanhados pelos pais dele. A mãe era linda, tinha os mesmos grandes olhos castanhos de Frankie e usava uma calça de linho branca; o pai era um típico italiano, cabelo preto cacheado, sobrancelhas grossas e pele reluzente. Elena deu um beijo no rosto de Frankie. Ele juntou as mãos ao chegar mais perto.

— Mais alguém vai para Austin? Quero exagerar na dose hoje.

— Demorou — disse Davies. — Eu topo.

— Aonde vamos? — perguntou Armando.

Frankie se virou para mim.

— Escolhe aí — falou.

— Vou ficar de fora dessa.

— Ah, teu cu.

Olhei para ele.

— Preciso dar um pulo em Buda.

— Hoje?

Como demorei para responder, Frankie parou de sorrir. Ele abaixou a voz:

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada de mais — falei, sentindo o peito apertar. — Problemas na família. Vou ficar num hotel no caminho.

— Um hotel? — perguntou Frankie, me olhando. — E seu irmão?

Hesitei, me afastando um pouco. Frankie veio comigo.

— Tenho mais o que fazer. Não quero...

Eu deveria ter apenas dito “boa ideia” e deixado para lá.

— Não me dou bem com meu pai — expliquei. — E Jake é casado, tem filho. Não quero incomodar.

Da última vez que vi Jake, eu tinha levado uma lista de pedidos de desculpas, escrita no papel timbrado do hospital St. Joseph, onde fiquei dez dias me desintoxicando. Ele bateu a porta na minha cara. O papel ainda estava dobrado na minha mochila, mesmo depois de um ano, como se eu nunca tivesse escrito nada.

— Fala sério, você está prestes a sair do país. Alguém vai te arranjar um sofá — disse Frankie. — Pode ficar lá em casa um tempo.

— Tá tranquilo. Vou ficar num hotel. Mas obrigado.

Ele deu de ombros.

— A casa dos meus pais é grande. Tem um quarto lá pra você.

Meu coração acelerou. Entre passar duas semanas em uma cama em uma casa com ar-condicionado em Austin e ter que ficar num quarto qualquer de hotel de beira de estrada, vendo besteira na televisão e tentando não sofrer uma recaída, eu preferia a primeira opção. Mas eu gostava de Frankie. No tornamos amigos. Não queria levar meus problemas para a casa dele.

Aquela casa grande, confortável e com ar-condicionado.

— Por duas semanas?

Para com esse desespero.

— Quanto tempo quiser — disse Frankie, me olhando e confirmando com a cabeça.

Luke Morrow não era o tipo de cara que gente assim hospedava. Mesmo antes da merda toda acontecer, eu não era de ficar de sorrisinhos e de papinho furado sobre o tempo. Nunca tive uma mãe para me ensinar a ser um cavalheiro ou lavar a louça depois do jantar. Eu era mais de fumar no quintal até todo mundo ir dormir.

Só que ali ninguém sabia disso. Eu podia lavar a louça, coisa e tal. Podia chamar todo mundo de senhora e senhor, já tinha aprendido bem. Por um segundo, o ar pareceu mais fresco. Respirei fundo.

Estendi a mão. Frankie a apertou.

— Eu agradeço.

— Morrow topou! — gritou Frankie.

Meu celular vibrou no bolso. Olhei a tela. Era Johnno. Silenciei.

Não é como se eu estivesse saindo para cheirar pó num balcão imundo. Eu só iria para um bar, com música, luzes, amigos e bebidas geladas. O sorriso de Frankie era largo, aberto, despreocupado. Começamos a andar em direção ao carro dos pais dele, com o resto das famílias, com todo mundo.

Cassie

Quando passou de meia-noite, o bar estava quase vazio. O ar agriçoce da área de fumantes entrava pelas janelas altas, soprando sobre as mesas de sinuca. Umás sócias suadas da Lana Del Rey posavam para selfies sob os pisca-piscas e as bandeiras do Texas, e um homem de coque desviava uma jarra cheia de cerveja de um grupo de hipsters jogando Scrabble, mas, fora eles, ninguém pedia mais nada. Todos os copos ainda estavam cheios. Molhei a boca seca com o resto de um Gatorade, preendi de novo o bolo preto e bagunçado que tinha virado meu cabelo e li a lista que havia escrito num guardanapo.

*arranjar uma vaga no sarau do Petey
arranjar outro amplificador
arranjar mais horas no bar / mais \$\$\$*

Nora passou por mim, usando uma calça jeans justinha e uma camiseta dos Rolling Stones cortada pela metade, e olhou para a lista.

— Cheia de planos?

Cutuquei o guardanapo.

— A gente tem que parar com essas festas de bairro que pagam com vale-presente. A gente precisa é de shows de verdade, em casas de shows de verdade, abrindo para bandas em turnê. É assim que a grana entra.

Ela olhou em volta, para um grupo de engravatados que nos encarava, agrupados em banquetas altas.

— Nada contra, mas...

— Pois é, pois é — falei, abanando a mão, porque sabia o que ela ia dizer. — Ando obcecada demais com o lance do EP ficar perfeito. Já entendi. A gente só precisa começar logo. É melhor ter um álbum inteiro de músicas novas do que, tipo, quatro músicas perfeitas, né?

— Concordo! — disse Nora, olhando para o grupo de novo. — E agora que você...

— Agora que não tenho mais dois empregos — completei a frase dela, sentindo a empolgação crescer —, a gente pode ensaiar mais, e posso me dedicar a descolar mais shows para a gente durante o dia! Né?

— É, mas... — respondeu ela, apontando para trás.

— Para de “mas”! — Joguei as mãos para cima. — Mas o quê?

— Preciso de três gim-tônicas e um chope de Lone Star para aquela mesa ali.

— Ah.

Comecei a botar gelo em três copos.

— Você está com tudo, né? — disse Nora. — Gostei. A Cassie desempregada faz acontecer.

Isso. Meu verdadeiro eu.

— Acho que dois anos de enrolação já foram suficientes.

— Desde que a gente não pare com as Sextas da Stevie.

— Lógico.

Fingi fazer o sinal da cruz. Toda sexta à noite, no ensaio, Nora e eu usávamos roupas meio de bruxa, no estilo da Stevie Nicks, e tocávamos músicas do Fleetwood Mac para aquecer. Considerando que Toby, nosso baterista, estava na banda havia só seis meses, ele ainda não tinha animado de participar, apesar de usar um colete às vezes.

Uma onda repentina de gargalhadas e murmúrios chegou à porta do Handle, crescendo conforme um grupo grande de caras de cabelo raspado entrava. Pelo nível de conforto que demonstravam com contato físico, já deviam estar bem alterados.

— Bombeiros? — perguntei para Nora enquanto enchia um copo de chope.

— Soldados, eu acho — respondeu ela.

— Sim, senhora — falei, com um tom exagerado, colocando as bebidas na bandeja dela antes de me debruçar no balcão, abaixando a voz. — Vou descolar uma grana pra gente.

— Vai nessa.

— E aí, rapazes! — gritei, abrindo os braços. — Como posso ajudar?

Os soldados tinham parado em formação atrás da fileira de banquetas, olhando de mim para as televisões ligadas no canal de esportes.

— Cassie! — ouvi a voz de um homem chamar.

Olhei ao redor. Entre dois caras musculosos, de cabelo raspado e bochechas que já tinham sido mais rechonchudas, encontrei um rosto conhecido. Ele esticou os braços por cima do bar.

— Eu conheço ela! — exclamou.

Gargalhei, incrédula, olhando para aqueles olhos castanhos enormes.

Frankie Cucciolo, o Power Ranger azul quando eu era a rosa. O mais próximo que eu tive de um irmão na infância. Minha mãe fazia faxina na casa vizinha à dele enquanto a gente brincava com arminhas de água e via *Free Willy* sem parar.

Dei a volta no balcão para abraçá-lo. Ele tinha o mesmo cheiro de quando jogava areia dentro da minha roupa: cheiro de batata frita.

— Como você está? — perguntei.

Nós éramos bem próximos antes de eu ir para a faculdade, muito próximos mesmo, mas eu não o via fazia alguns anos.

— Ótimo! Estou de baixa — disse ele.

Eu o peguei pelos ombros.

— De baixa? Você entrou para o Exército?

Frankie, um soldado! Eu me contive para não perguntar se ele estava falando sério. Voltei para trás do balcão.

— Isso! — respondeu ele. — A gente vai para o Oriente Médio em duas semanas.

Ao dizer isso, Frankie bateu nos ombros dos caras que tinham se sentado ao lado dele. Contei uns quinze homens, e me

preparei. Eles fizeram fila no bar, e eu puxei papo com cada um, tentando não parecer um robô simpático:

— Fort Hood, é? Uau, incrível.

Eu não faço ideia de onde seja isso.

— O que eu sou? Porto-riquenha.

Sou um ser humano. Ah, você quis dizer de que país minha família é?

— Nossa, muito obrigada! Que fofo!

Minha camiseta é bonita mesmo. Principalmente porque meus peitos estão debaixo dela.

Perto do fim da fila estava um homem mais baixo, com aparência jovem, peitoral largo e maçãs do rosto proeminentes. Ele estendeu a mão.

— Soy Armando.

— Soy Cassandra. Vai beber o quê? — perguntei em meio ao barulho, olhando de relance para o cara ao lado dele.

— Pode ser uma Budweiser — respondeu ele, mas eu já tinha me distraído.

Armando era bonito, todos ali eram, mas o cara ao lado dele tinha ombros largos e cabelo escuro raspado bem rente. Corpo sarado, seco. Cílios compridos, boca carnuda. Pele bronzeada pelo sol, quase da cor da minha.

Quando reparou que eu estava de olho, ele parou de assistir aos melhores momentos do jogo dos Rangers na TV.

— Oi — falei, tendo esgotado minhas expressões mais simpáticas. — O que vai querer?

— Ah, hum. Cerveja não.

Eu ri.

— Que tipo de cerveja não?

— Hum... — Ele olhou a lista atrás de mim e depois as chopeiras à minha direita. — Na verdade, não sei. Desculpa, faz tempo que eu não sou o sóbrio da rodada.

— Do que você gosta?

— Hum...

Ele olhou para o balcão, como se estivesse contemplando o vazio.

— Aqui — indiquei, pegando três copinhos e preparando alguns drinques sem álcool. — Soda com limão e *bitter*, Shirley Temple e *ginger ale* temperada.

Ele tomou um gole de cada um, sempre me olhando por cima do copo. Quando acabou, acenou para os três.

— Gostei. Todos são bons.

— Ah, você já conheceu o Luke! — disse Frankie, se aproximando com o rosto corado. — Luke, Cassie.

Nora se enfiou entre Frankie e Luke e passou por baixo do balcão.

— Essa é minha baixista, Nora — falei para Frankie, apontando para ela com a cabeça enquanto enchia três copos de gelo.

— Oi-lá, Nora — cumprimentou Frankie, já bêbado.

— Nora, oi, uau — disse Armando, mal notando que eu tinha servido a cerveja dele. — Armando, prazer.

— Estou trabalhando — respondeu Nora, abrindo a boca pintada de batom em um sorriso grande e encaixando uma lata de cerveja na dobra do cotovelo.

Armando a acompanhou com o olhar enquanto ela servia as bebidas. Ele se afastou do balcão e foi até um grupo de soldados que dançavam “This Is How We Do It” perto do jukebox. Era sempre assim. Eles não encontrariam nenhuma música lançada depois de 2005 ali.

— Boa sorte — murmurei quando ela olhou para mim.

Nora revirou os olhos.

Luke, notei com uma pontada de prazer, não tinha nem se mexido.

Frankie e eu jogamos conversa fora enquanto eu servia mais uma rodada para os amigos dele. Os olhos de Luke eram de um tom azul-acinzentado, e, quando virei as costas para preparar um *old fashioned* para Frankie, ouvi Luke murmurar alguma coisa.

E então veio a voz de Frankie, alta:

— Cassie? Não, ela é praticamente minha irmã. Mas soldados não fazem muito o tipo dela. Pelo menos não faziam quando a gente era adolescente.

Acendi um fósforo. Minhas orelhas arderam. Meu tipo na adolescência eram os idiotas.

— Não precisamos falar disso.

— *Qual é o seu tipo?* — quis saber Luke.

Eu me virei, encostando o fogo numa tira de casca de laranja.

— Criaturas mitológicas.

— Tem alguma por aqui? — perguntou ele, levantando as so-brancelhas e olhando ao redor.

— Não — falei, sentindo a boca tremer no canto, que nem a dele.

Nora deixou a bandeja no bar.

— Me vê mais uma rodada para a mesinha alta?

Armando tinha voltado, acompanhado de um cara ruivo de óculos e com uma camisa listrada feia.

— Soldados não fazem seu tipo, é? — disse o cara, com a voz arrastada, se largando no bar. — A gente pode lutar para proteger essa sua bundinha, mas não podemos passar a mão?

— Davies — repreendeu Frankie. — Cara.

Respirei fundo. Babaca número 2.375 dos meus dois anos de bartender. Enchi um copo.

— Bebe água, cara.

— Que mané água! — disse o ruivo, e empurrou o copo com força, derramando tudo.

Peguei um pano e sequei a poça, com o rosto ardendo.

— Acho que você já bebeu o suficiente.

— Ah, fala sério — insistiu ele. — Sua amiguinha está sendo uma escrota — acrescentou para Frankie, em voz mais baixa.

Em um segundo, encostei a barriga no balcão, o nariz a centímetros da cara dele.

— Vaza daqui — falei.

Um sorriso torto se abriu no rosto magrelo do soldado. A boca dele estava seca, os olhos marejados e vermelhos.

— Opa, opa, opa... — disse ele, dando um passo para trás com as mãos levantadas e ainda sorrindo, começando a arregalar os olhos. — Foi só... Eu só... sabe.

Todas as minhas veias estavam prestes a estourar.

— Vaza logo ou o segurança vai te botar pra fora — falei, impassível.

Armando segurou o ruivo pela cintura e foi cambaleando com ele até a porta. Peguei mais um copo e fingi secá-lo, esperando meu coração voltar ao ritmo normal. Soprei a mecha escura que tinha caído na minha cara.

— Precisava mesmo disso? — veio uma voz do bar.

Luke.

— Como é que é?

Ele deu de ombros.

— Não precisava expulsar o cara. Ele está prestes a embarcar, precisa espaiar um pouco. Ele corre o risco de morrer.

— Meu Deus — resmunguei. — Eu não pedi para ele se alistar. E ele está indo para uma guerra em que eu nem acredito, então não vou dar trégua nenhuma.

Ele me olhou, ficando sério de repente.

— Não, você não pediu, porque ele se ofereceu como voluntário para defender o nosso país. Um país que inclui você.

— Não é só a gente que precisa ser defendido. Mas deixa pra lá.

Levantei as mãos, me rendendo, e olhei ao redor, procurando Nora. O patriota podia ganhar a discussão. Eu só queria voltar a ganhar minha grana.

Ouvi a voz dele mais de perto, mais intensa. Ele tinha se debruçado no balcão.

— Você sabe o que está rolando naquelas bandas? — perguntou, e eu me virei para ele. — Com o Estado Islâmico?

Se eu sabia o que estava acontecendo com o Estado Islâmico? Como se eu não soubesse ler. Eu não deveria ter dado corda, mas não me aguentei. Ele era arrogante demais.

— O EI é uma resposta fundamentalista aos Estados Unidos acabando com toda aquela região por pura ganância — respondi, e ele ficou boquiaberto, em um momento de choque. — E vocês parecem achar uma boa ideia continuar a entrar lá e provocá-los. É isso que está rolando.

Luke ficou indignado.

— A gente não está indo lá “provocar”, Cassie.

O som do meu nome na boca dele me deu um frio na barriga.
— Ah, é, Luke?
— O Exército também constrói estradas, hospitais e escolas.
A gente protege civis. A gente protege agentes humanitários.
Levantei as mãos.
— Que bom pra vocês!
Ele ficou tenso, tirou umas notas do bolso e jogou no balcão.
— Você cresceu com o Frankie, né?
Luke apontou com a cabeça para Frankie, que tinha ido até o jukebox.
— Mais ou menos.
Ele se levantou e virou o resto da água.
— Então faz sentido.
— O que faz sentido?
Eu odiava ter que erguer o pescoço para vê-lo. Odiava que, apesar da raiva, eu sentia uma parte de mim sendo puxada para ele.
Luke fez um gesto de desprezo com a mão.
— Tatuagem, adesivo de para-choque, indie rock, blá-blá-blá. Provavelmente dirige um Prius que seus pais compraram pra você.
— Tá. Primeiro, você não me conhece. Segundo, eu não estava falando mal de você especificamente. Nem da sua escolha de fazer o que quer que faça no Exército. Estava só afirmando meu direito de não ser chamada de escrota pelo seu amigo.
Luke retrucou imediatamente.
— Você está certa, a gente não se conhece, e o que sei é que você não deu pra um garoto assustado a oportunidade de ficar sóbrio, se desculpar e passar a noite com os amigos, porque, o quê? Quer paz mundial? — perguntou ele, batendo no balcão.
— Correto? Só para entender.
— O que eu sei é como ele agiu aqui, agora, soldado ou não — falei, quase gritando, já ofegante de novo. — E você também pode ir embora.
— Tranquilo — disse ele, se afastando do bar. — Boa sorte aí.
Alguns minutos depois, o grupo todo se foi, aos tropeços, e Frankie saiu meio desanimado. Lá se foi a possibilidade de mais

gorjetas. Tateei o avental. Mesmo depois de servir duas rodadas, o maço de notas e recibos estava fino. Ao cruzar a porta, Frankie fez um tchauzinho triste e desapareceu.

Merda.

Nora se aproximou com um panfleto colorido na mão. Ela olhou para o dinheiro de Luke.

— Vai pegar isso aí?

— Vou. Mas parte de mim não quer nada daquele babaca — falei, esfregando cada centímetro do balcão onde ele tocou. — Pega mais um Gatorade pra mim? — pedi a Nora.

— Pego. Já é qual? O quinto?

Dei de ombros. Eu estava com sede. Vivia com sede.

— Enfim, também não quero isso — disse, e me mostrou o panfleto.

Entre no Exército, dizia. Aproveite os benefícios.

— Veio com um pedido de casamento do Armando — acrescentou ela.

— Ele te pediu em casamento? Sério?

— Sério que nem um guerreiro bêbado às vésperas de ir para a batalha.

Enfie o panfleto no bolso do avental e tirei o maço de recibos.

— Quantas rodadas até a gente conseguir comprar um amplificador novo?

— Muitas — respondeu ela, e suspirou antes de servir dois shots. — Tim-tim!

— Vai trabalhar — falei, levantando o copinho para bater no de Nora, rindo sem vontade.

Virei o copinho e tomei um gole de Gatorade, tentando me livrar da sensação de pavor. Eu não sabia de onde vinha. Talvez fosse por causa daquele soldado, ou talvez porque finalmente tinha caído a ficha de que eu estava desempregada. Eu estava mesmo livre, uma liberdade meio desamparada. Enquanto recolhia do balcão as notinhas, as embalagens de canudo e os porta-copos de papelão encharcados, estiquei a mão de repente, tentando pegar um pedaço de papel que voava no ar. Minha lista no guardanapo, amarrotada e disfarçada, quase tinha ido parar no lixo.

Quando um soldado com um passado problemático e uma cantora concordam em entrar em um casamento de fachada para obter benefícios militares, nenhum dos dois espera muita coisa após confirmarem os votos. Até que uma tragédia acontece, e os limites entre o que é real e o que é mentira começam a se confundir neste romance inteligente e surpreendente, perfeito para fãs de Jojo Moyes e Nicholas Sparks.

Cassie Salazar e Luke Morrow são totalmente diferentes. A perspicaz Cassie trabalha à noite em um bar em Austin, Texas, onde tenta ganhar a vida enquanto corre atrás do sonho de ser cantora e compositora. Luke é um militar prestes a ir para a guerra que identifica na disciplina implacável do Exército o conforto de que precisa. Mas um encontro fortuito com Cassie muda para sempre o curso da vida dos dois.

Cassie está sendo soterrada pelas despesas médicas após receber o diagnóstico de diabetes. Ao encontrar seu velho amigo Frankie, que se alistou ao Exército, ela propõe um acordo: ela se casaria com ele em troca de um plano de saúde melhor e os dois dividiriam o dinheiro a mais que o Exército concede por eles serem uma “família”. Quando Frankie recusa a proposta, seu atraente amigo Luke se oferece para se casar com Cassie no lugar dele. O que ela não sabe é que o jovem militar tem suas próprias razões para concordar com o matrimônio de fachada.

Nesta inesquecível história de amor, Cassie e Luke precisam deixar de lado suas profundas diferenças para que o arranjo deles pareça um casamento de verdade... a menos que, ao longo do caminho, o amor faça com que os dois não precisem mais fingir.

O filme teve mais de 100 milhões de horas de exibição na Netflix em apenas uma semana, tornando-se o longa mais bem-sucedido da plataforma em 2022. Com uma trama intensa e a química inegável entre os personagens, *Continência ao amor* tem tudo para repetir nas livrarias o estrondoso sucesso que vem demonstrando nas telas.

S A I B A M A I S :

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1199/>